

UNIDADE 3 – CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

MÓDULO 1 – CRESCIMENTO ECONÔMICO

01

1 - UMA PERSPECTIVA

A habilidade de uma nação em aumentar o padrão de vida do seu povo depende crucialmente da sua taxa de crescimento de longo prazo. Sobre um período extenso de tempo, uma diferença aparentemente pequena na taxa de crescimento econômico pode ser traduzida em uma grande diferença de renda média por pessoa.



Como ilustração, vamos comparar a experiência histórica da Austrália e do Japão. Em 1870, o PIB *per capita* era em torno de cinco vezes maior na Austrália do que no Japão. Num longo período de 126 anos, o produto *per capita* da Austrália cresceu 1.3% em média por ano, tal que em 1996 a sua renda real tinha aumentado 5 vezes em relação ao número de 1870. Entretanto, durante o mesmo período, o PIB por pessoa do Japão cresceu à taxa de 2.7% por ano atingindo um nível, em 1996, 28 (vinte oito) vezes maior do que em 1870.

A taxa de crescimento de 2.7% ao ano da economia japonesa pode não parecer muito maior do que a experimentada pela Austrália, de 1.3% ao ano. Todavia, em 1996, o Japão, que era em 1870 um país muito mais pobre do que a Austrália, já tinha ultrapassado em 15% a renda *per capita* da Austrália e se tornado a maior economia daquela região do Pacífico.

Embora essas diferenças sejam relativas a longo prazo, mudanças nas taxas de crescimento podem ter efeitos significativos sobre a economia em uma ou duas décadas de crescimento.

Podemos definir a taxa de crescimento como a variação de uma variável entre um período e outro. Por exemplo, o quanto as vendas aumentaram de um ano para o outro ou quanto os preços aumentaram de um mês para o outro.

Em princípio, o valor de vendas ou de preços de um ano em relação ao anterior pode ser dado por um aumento com base no anterior. Ou seja, se o preço de um refrigerante hoje é de um real, amanhã certamente irá custar mais ou menos do que um Real, mas sempre podemos pensar esta mudança em relação ao preço de hoje. Portanto, a taxa de variação de um valor X no período $t + 1$ será dada pela seguinte fórmula:

Taxa de variação de X entre t e t + 1 = $(X_{t+1} - X_t)/X_t$

Esta fórmula sempre será verdade para expressar uma taxa de crescimento. Se desejar expressar este número em termos percentuais (%), apenas multiplique o seu resultado por 100.

02

Por exemplo, aproximadamente a partir de 1973 a economia americana e outras economias industriais experimentaram uma redução continuada de suas taxas de crescimento (ver na Figura 1 o PIB real da economia norte-americana). Entre 1947 e 1973, o PIB total da economia americana cresceu mais de 3.7% ao ano, mas entre 1973 e 1988, o PIB real dos Estados Unidos cresceu 2.7% ao ano. Para ficar claro o impacto desta diferença, imagine que a economia americana continuasse a crescer a 3.7% ao ano em vez de 2.7%. Se isto tivesse acontecido, o PIB dos Estados Unidos em 2000 seria 27% maior do que o PIB verdadeiro observado em 2000 – um valor adicional, aproximadamente, de US\$ 2.4 trilhões ou de US\$ 9000,00 por pessoa (em dólares de 2000).



Precisamos também pensar a definição de crescimento econômico. A mais simples concepção diz apenas que é um aumento sustentado da taxa de crescimento do produto *per capita* de uma nação. Todavia, antes de deixarmos este ponto mais claro, precisamos definir alguns pontos para tornar isso mais familiar.

O crescimento econômico se mostra sustentado entre a maioria dos países do mundo. Mesmo os países mais pobres apresentam taxas de crescimento médias positivas. Entretanto, existem grandes divergências entre as taxas de crescimento das diferentes nações.

03

Como comparar o crescimento econômico entre nações?



Este é o motivo de abordar o PIB *per capita*, ou simplesmente, produto *per capita*. Usamos o produto *per capita*, pois o PIB difere muito entre as diversas nações do mundo.

Por exemplo, como comparar a riqueza entre o Brasil e a Suíça ou entre a China e a Bélgica?

Ora, sabemos pela observação direta que a Suíça ou a Bélgica são mais ricos do que o Brasil ou a China. Todavia, se comparamos diretamente o PIB desses países, observamos que o contrário seria verdade. O PIB dos grandes países tende a ser maior do que o de países pequenos, mas isto não reflete a riqueza local.

Este ponto ficará mais claro nas explicações sobre a importância da medida do produto *per capita*.

04

2 - RIQUEZA E POBREZA SÃO CONCEITOS RELATIVOS.

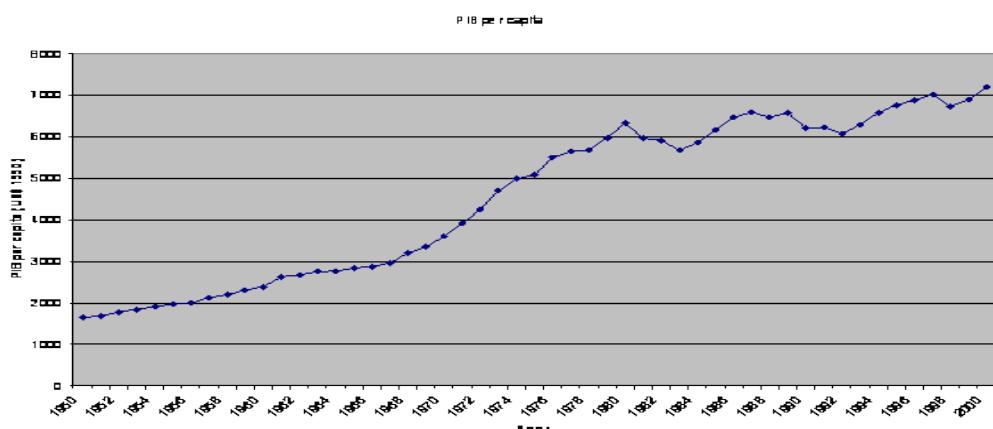
Um sujeito será considerado rico se for comparado com alguém que possui menos dinheiro ou bens. Portanto, para avaliar o crescimento, precisamos comparar a renda entre países. Uma forma direta de comparação é o PIB *per capita*. O PIB *per capita* é o seguinte:

$$\text{PIB per capita} = (\text{PIB total}) / (\text{População total})$$

Isto dá ideia de riqueza independente do tamanho da população, pois quando se divide todo o PIB pela população, atribui-se uma mesma fatia da produção do país por cabeça de habitante. Desse modo, temos uma medida de produto individual para qualquer país do mundo, ou medida da renda média por pessoa. Portanto, o adequado é compararmos o PIB *per capita* entre as nações.

Por exemplo, na tabela abaixo, apresentamos o PIB *per capita* da economia brasileira, em valores reais de 1990, para o período de 1950 a 2000. Notamos que até 1980 a economia apresentava taxas significativas de crescimento, mas depois de 1980 a taxa de crescimento diminuiu substancialmente. A taxa de crescimento denota a diferença entre cada ponto do tempo em relação ao ponto inicial.

PIB per capita, US\$ 1990, 1950-2000



Na história recente, a taxa de crescimento varia muito entre países. Por exemplo, os países mais pobres possuem sistematicamente 1/32 da renda *per capita* dos Estados Unidos. Este é um fato que se revela muito estável nos últimos cinquenta anos.

05

A pergunta que deve ser feita nesse caso é por que existe grande disparidade de renda entre países. Por que existem países ricos e outros tão pobres? Esta é a questão colocada para entender o crescimento econômico.



É sabido que a economia americana e a dos países ricos apresentam taxas positivas de crescimento do PIB *per capita* durante longos períodos de tempo.

Por exemplo, nos últimos cinquenta anos a economia americana tem apresentado consistentemente uma taxa de crescimento do produto *per capita* de 1,56% ao ano. Essa taxa de crescimento pode parecer pouco, mas não é.

Mesmo em situações em que a taxa média de crescimento de uma economia seja bastante reduzida em um determinado período, isto se mostra bastante diferente quando realizamos uma comparação com seus resultados finais.

06

Na tabela abaixo, apresentamos qual seria o crescimento final em 20, 30 e 50 anos com diversas taxas de crescimento médio sendo capitalizadas ano a ano.

Taxas de Crescimento capitalizadas ao final de cada período

Período/ Taxa Média de Crescimento %	10 anos	20 anos	30 anos	40 anos	50 anos
0,5	5,1	10,5	16,1	22,1	28,3
1,0	10,5	22,0	34,8	48,9	64,5
1,5	16,1	34,7	56,3	81,4	110,5
2,0	21,9	48,6	81,1	110,8	169,2
2,5	28,0	63,9	109,8	168,5	243,7
3,0	34,4	80,6	142,7	226,2	338,4
3,5	41,1	99,0	180,7	295,9	458,5
4,0	48,0	119,1	224,3	380,1	610,7
4,5	55,3	141,2	274,5	481,6	803,3
5,0	62,9	165,3	332,2	604,0	1046,7

Nesta tabela podemos observar que as taxas de crescimento quando parecem pequenas em termos percentuais tornam-se grandes quando compostas ao longo de muitos anos. Por exemplo: um crescimento médio de 0,5% ao ano resulta em 50 anos em crescimento de 28,3%. Da mesma forma, se a taxa média de crescimento for de 1,5%, o resultado acumulado final será de 110,5% em 50 anos.

Explicar as grandes variações mundiais nos padrões de vida é um pouco trivial. Ou seja, fácil. A explicação por que países são mais ricos e outros são pobres pode ser resumida na **produtividade**.



A produtividade é a capacidade de um país gerar mais riqueza com uma quantidade relativa menor de insumos produtivos.

Em geral, utilizamos a função de produção agregada para descrever a relação entre quantidade de produção e quantidade de insumos utilizados. O produto de uma economia em termos de bens e serviços depende da quantidade disponível de insumos produtivos, tais como capital e trabalho, e sobre a produtividade no uso de todos estes insumos. A relação entre estes insumos e o produto é exatamente o que é descrito por uma função de produção agregada.

Por exemplo, suponha que Y é a quantidade total produzida, L , a quantidade de trabalho, e K , a quantidade de capital da economia. Então podemos escrever a função de produção na seguinte forma:

$$Y = A F (K, L)$$

Em que $F()$ é a função de produção que mostra como os insumos são combinados para gerar o produto. A é uma variável que representa a tecnologia produtiva disponível. À medida que a tecnologia se aperfeiçoa, A aumenta, de modo que a economia produz mais a partir de qualquer combinação dada de insumos. Portanto, fazendo uma simples transformação, obtemos:

$$A = Y / F (K, L)$$

Esta é a forma usual de como os economistas medem a produtividade. Ela, às vezes, é chamada de produtividade total dos fatores ou de resíduo de Solow. Portanto, calculando A temos uma medida da produtividade de uma economia. Esta também é a forma usual de se medir o crescimento da produtividade nas empresas.

Essa forma de descrevermos a produção de uma economia entre o produto, insumos e a produtividade é também chamada de contabilidade do crescimento. O resultado de um lado da função de produção deve necessariamente ser igual ao do outro lado, por isso ele é denominado “contabilidade do crescimento”. Assim, como em contabilidade, criamos uma conta tal que garanta que um lado seja sempre igual ao outro. O nome dessa conta é a produtividade.

Sabendo qual o comportamento de A, pode-se ter uma noção detalhada do comportamento da economia a longo prazo, ou seja, do crescimento econômico.

Devido ao economista ganhador do Prêmio Nobel, em 1984, Robert M. Solow.

09

Todavia é interessante salientar que muitos economistas têm chamado atenção para fatos que dizem respeito ao comportamento da produtividade entre as empresas. São eles:

- Verifica-se uma grande dispersão dos níveis de produtividade entre empresas, mesmo quando produzem produtos semelhantes com equipamentos comparáveis.
- A dispersão de níveis de produtividade entre empresas é persistente ao longo do tempo.
- A entrada de novas empresas e o encerramento de outras é importante fonte do crescimento agregado da produtividade quando se considera perspectiva de médio prazo.
- Os aumentos de produtividade não estão correlacionados ao nível da empresa, com diminuições de emprego.

Em termos macroeconômicos, a produtividade é:

- Altamente correlacionada com o PIB (em termos de taxas de crescimento).
- Responde por 2/3 da diferença de renda entre os países.

Uma questão muito importante é saber o que determina o crescimento de um país. Ou seja, qual a principal razão pela qual os padrões de vida hoje são mais elevados do que há muitos anos.

Por exemplo, o telefone, o transistor e motor de combustão interna estão entre as milhares de inovações que aperfeiçoaram a capacidade de produzir bens e serviços.



10

Embora uma grande parte do avanço tecnológico tenha sido desenvolvido por pesquisas de empresas privadas e inventores isolados, há também um interesse público em promover esses esforços.

Em larga medida, o conhecimento é um bem público: uma vez descoberta uma ideia, ela passa a fazer parte do acervo de conhecimento de uma sociedade e pode ser usada livremente.

Da mesma forma que o governo tem um papel na oferta de bens públicos, como a defesa nacional, ele tem também um papel no incentivo à pesquisa e ao desenvolvimento de novas tecnologias.



Neste caso, os governos desempenham um papel na criação e disseminação de conhecimento tecnológico. A forma usual do governo na geração de tecnologia é o financiamento direto de pesquisas em diversas áreas.

Outra forma de o governo incentivar a pesquisa é por meio do sistema de patentes. Quando uma empresa ou uma pessoa inventa um novo produto, como um novo medicamento, o inventor pode solicitar uma patente. Se o produto for considerado verdadeiramente original, o governo concede a patente, o que dá ao inventor o direito exclusivo de fabricar o produto durante determinado número de anos. A patente fornece ao inventor o direito de propriedade sobre sua invenção, tornando sua nova ideia um bem privado em lugar de um bem público. Ao permitir que os inventores lucrem com seus inventos, o sistema de patentes aumenta o incentivo para que empresas e indivíduos se dediquem à pesquisa e ao desenvolvimento de novos produtos.

11

3 - ELEMENTOS DA PRODUTIVIDADE

Embora a produtividade seja um fator importante, outros fatores são cruciais para determinar a produção e importantes para determinar a produtividade. São eles:

Capital físico - Trabalhadores são mais produtivos quando dispõem de ferramentas para executar seu trabalho. O estoque de equipamentos e estruturas usados para produzir bens e serviços é denominado capital físico ou simplesmente capital. Por exemplo, quando os marceneiros fabricam móveis, eles usam serras, tornos e furadeiras. Mais ferramentas permitem que o trabalho seja feito mais rápido e perfeitamente. Isto é, um trabalhador com apenas ferramentas manuais básicas fabrica menos móveis do que um trabalhador que dispõe de ferramentas especializadas.



Capital humano - Capital humano, segundo determinante da produtividade, é o termo que os economistas empregam para descrever o conhecimento e as habilidades que trabalhadores adquirem por meio da educação, do treinamento e da experiência profissional. O capital humano inclui a perícia acumulada em programas para a Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio, cursos superiores e treinamento no emprego para trabalhadores adultos.

Embora a educação, o treinamento e a experiência sejam menos tangíveis do que tornos e edificações, o capital humano tem muitas semelhanças com o capital físico.

Como o capital físico, o capital humano aumenta a capacidade da nação para a produção de bens e serviços. Também como o capital físico, o capital humano é um fator de produção. A produção do capital humano exige insumos na forma de professores, bibliotecas e tempo de estudo. Os estudantes podem ser considerados trabalhadores que têm a importante tarefa de produzir o capital humano que será utilizado na produção futura.



12

Recursos naturais - O terceiro determinante da produtividade são os recursos naturais, insumos fornecidos pela natureza, como a terra, os rios e as jazidas minerais.



Os recursos naturais se apresentam de duas formas:

- Renováveis;
- Não renováveis.

Uma floresta é um exemplo de recurso natural renovável. Quando uma árvore é abatida, pode-se plantar outra em seu lugar. O petróleo é um exemplo de recurso natural não renovável. Dado que o petróleo é produzido pela natureza ao longo de milhares de anos, a oferta é limitada. Se a disponibilidade de petróleo for esgotada, é impossível criar mais.

Diferenças na dotação de recursos naturais são responsáveis por algumas das diferenças mundiais de padrões de vida. O sucesso histórico dos Estados Unidos foi em parte impulsionado pela ampla oferta de terras adequadas à agricultura. Atualmente, alguns países do Oriente Médio, como o Kuwait e a Arábia Saudita, são ricos simplesmente porque estão localizados sobre as maiores jazidas petrolíferas do mundo.

Embora os recursos naturais sejam muito importantes, eles não são fundamentais para que uma economia registre alta produtividade. O Japão, por exemplo, é um dos países mais ricos do mundo, apesar dos poucos recursos naturais de que dispõe. O comércio internacional torna possível o sucesso do Japão. O país importa muitos dos recursos naturais utilizados, como o petróleo, por exemplo, e exporta bens manufaturados para economias ricas em recursos naturais.



13

Conhecimento tecnológico - Um quarto determinante da produtividade é o conhecimento tecnológico, a compreensão das melhores formas de produzir bens e serviços. Cem anos atrás, em vários países, as pessoas trabalhavam no campo porque a tecnologia requeria um alto insumo de trabalho para alimentar toda a população. Atualmente, graças à tecnologia agrícola, uma pequena parcela da população pode produzir alimentos suficientes para atender todo o país. Esta mudança tecnológica liberou mão de obra para a produção de outros bens e serviços.

O conhecimento tecnológico assume várias formas.

Parte da tecnologia é **conhecimento comum** – depois de ser utilizada por alguém, todos se tornam conscientes da tecnologia. Uma vez que a Ford introduziu com sucesso a produção em linhas de montagem, outros fabricantes de automóveis a seguiram.

Outras tecnologias são **proprietárias**. Por exemplo, apenas a Coca-Cola conhece a receita do seu refrigerante.

Quando uma empresa farmacêutica descobre uma nova substância, o sistema de patentes lhe dá um direito temporário de exclusividade sobre a fabricação desta substância. Quando a patente expira, contudo, as demais empresas podem fabricar a substância. Todas essas formas de conhecimento tecnológico são importantes para a produção de bens e serviços na economia.

É importante distinguir capital humano de conhecimento tecnológico. Embora estejam estreitamente relacionados, há uma diferença importante.

O conhecimento tecnológico se refere ao entendimento por parte da sociedade a respeito do funcionamento do mundo. O capital humano tem a ver com os recursos despendidos para transmitir esse conhecimento à força de trabalho. O conhecimento tem a ver com a qualidade dos livros, enquanto o capital humano tem a ver com o tempo que as pessoas destinam a sua leitura. A produtividade dos trabalhadores depende tanto da qualidade dos livros disponíveis quanto do tempo destinado a seu estudo.

14

RESUMO

O crescimento econômico tem um papel importante para a superação do subdesenvolvimento nas nações pobres. Nesse sentido, o crescimento econômico representa um pré-requisito indispensável para o desenvolvimento.

O crescimento no longo prazo depende de vários fatores coordenados, por exemplo: estabilidade política, econômica, respeito aos direitos civis etc., de modo a incentivar o investimento na atividade produtiva.

Estes investimentos agem diretamente sobre a produtividade fazendo-a aumentar ao longo do tempo. O papel da produtividade é tão essencial na promoção do crescimento no longo prazo que o entendimento de seus componentes se faz obrigatório.

Nesse sentido, investigamos os componentes da produtividade (capital físico, capital humano, recursos naturais e conhecimentos tecnológicos) e o seu papel desempenhado como indutores do crescimento da atividade.

UNIDADE 3 – CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO MÓDULO 2 – DESENVOLVIMENTO E SUBDESENVOLVIMENTO

01

1 - RELAÇÃO ENTRE CRESCIMENTO E SUBDESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento econômico é um objetivo a ser perseguido pelos dirigentes políticos. Quanto maior o grau de desenvolvimento de uma economia, melhores serão as condições de vida de sua população.

O desenvolvimento de um país passa pela melhoria nas condições de vida de sua população. Isto pode ser identificado por meio de indicadores de qualidade de vida, como:

- renda *per capita*;
- distribuição da renda;
- expectativa de vida;

- índices de escolaridade;
- índices de acesso a serviços de saúde e saneamento etc.



02

Em geral, associamos o resultado final do crescimento econômico ao desenvolvimento. Nesse sentido, é razoável supor que, quando a economia está crescendo, diversas variáveis sócioeconômicas tendem a melhorar. E quando a economia está em recessão, os mesmos indicadores tendem a piorar.

Em linhas gerais, para que um país supere o estágio de subdesenvolvimento, é necessário que ele apresente altas taxas de crescimento econômico a longo prazo.

Todavia, o simples crescimento da renda *per capita* não é uma condição para o desenvolvimento. Para que um país caminhe, é necessário que ocorram algumas transformações em sua base produtiva. Por exemplo:

- Crescimento da renda *per capita* de forma equilibrada;
- Redução dos bolsões de pobreza absoluta;
- Melhoria na qualidade de vida da população: saúde, educação, expectativa de vida para todas as camadas sociais;
- Desenvolvimento tecnológico;
- Uso racional dos recursos naturais.

03

2 - CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DO SUBDESENVOLVIMENTO

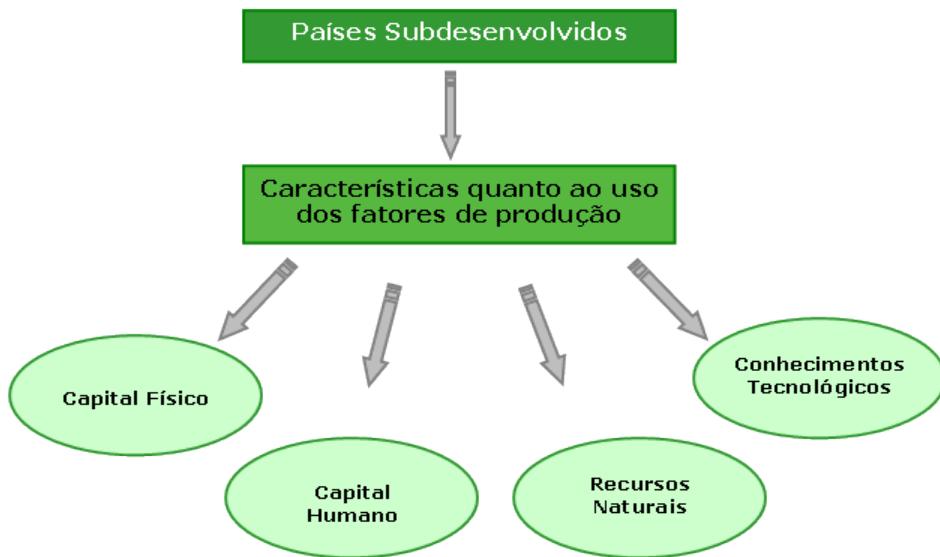
Uma economia subdesenvolvida é aquela cujos habitantes não conseguem beneficiar-se da sua riqueza produzida de forma equilibrada.



Nesse sentido, o eficiente uso dos fatores de produção possibilita que uma economia possa crescer, de forma sustentável, a longo prazo. Quando o uso dos fatores de produção não é utilizado de forma eficiente, os resultados apresentados mostram que o subdesenvolvimento é uma condição permanente.

04

Os países subdesenvolvidos possuem algumas características comuns quanto ao uso dos fatores de produção:



- Capital Físico – Baixa disponibilidade de capital por unidade de mão de obra. Infraestrutura deficitária, principalmente nas áreas de transportes, armazenagem, distribuição, acesso às comunicações e distribuição de energia.
- Capital Humano – Elevadas taxas de expansão demográfica. Baixa qualificação da mão de obra existente e baixo nível de escolaridade. Insuficiente capacitação profissional.
- Recursos Naturais – Desconhecimento do potencial geofísico. Existência de uma inadequada estrutura de propriedade. Prática de exploração predatória do meio ambiente.
- Conhecimentos Tecnológicos – Pouco ou reduzido nível de pesquisa e desenvolvimento (P&D). Uso de tecnologia defasada e de pouco valor agregado nos produtos em relação aos utilizados pelos países desenvolvidos.

05

Como consequência dessa distribuição dos fatores de produção, as economias subdesenvolvidas tendem a apresentar este quadro:

- Pouca geração de emprego;
- Baixa produtividade em função do mau uso dos fatores de produção;

- Salários reduzidos em função de baixa produtividade da economia;
- Renda per capita baixa;
- Baixos níveis de investimento e poupança interna;
- Poupança interna insuficiente para garantir o crescimento sustentável;
- Altas taxas de desemprego;
- Alta concentração de renda.

Em geral, quanto maior a renda *per capita* de um país, mais desenvolvida é a sua sociedade. Entretanto, esta relação não acontece de modo a beneficiar a todos os Extratos sociais, pois a distribuição dos benefícios não ocorre de modo equilibrado. Nesse sentido, a concentração da renda em benefício de uma pequena minoria consegue distorcer os resultados do crescimento econômico.

Diante disso, foi criado pelo Programa das Nações Unidas para os países em Desenvolvimento (PNUD) o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), como tentativa de avaliar a qualidade de vida da população.

06

A construção do IDH é composta de três variáveis, com pesos iguais:

- Educação (Escolaridade da força de trabalho e analfabetismo);
- Expectativa de vida ao nascer;
- Renda *per capita*.

Os dados são padronizados em uma série de 0 a 1. O número 1 (um) apresenta uma excelente qualidade de vida e o número 0 (zero), uma péssima condição de vida.

O PNUD considera uma região com desenvolvimento elevado se o IDH registrar um valor superior a 0,8; com desenvolvimento médio, entre 0,8 e 0,5; e com desenvolvimento baixo, menos de 0,5.

Em 1996, O PNUD divulgou os resultados do IDH para os Estados Brasileiros. Os dados dessa pesquisa mostraram que a realidade brasileira é extremamente desigual, pois em um mesmo país havia regiões que apresentavam características econômicas e sociais pertencentes tanto a países desenvolvidos como a países subdesenvolvidos.

Para os anos 90, este quadro não mudou substancialmente.

Brasil: Índice de Desenvolvimento Humano –1996

	Região/Estado	IDH	Índice de Esperança de Vida	Índice de Educação	Índice de Renda per capita
1	Rio Grande do Sul	0,869	0,764	0,883	0,960
2	Distrito Federal	0,869	0,723	0,902	0,981
3	São Paulo	0,868	0,740	0,895	0,970
4	Santa Catarina	0,863	0,758	0,876	0,954
5	Mato Grosso do Sul	0,848	0,738	0,855	0,952
6	Paraná	0,847	0,737	0,851	0,954
7	Rio de Janeiro	0,844	0,700	0,867	0,965
8	Espírito Santo	0,836	0,737	0,839	0,931
9	Minas Gerais	0,823	0,738	0,843	0,888
10	Rondônia	0,820	0,701	0,807	0,953
11	Roraima	0,818	0,688	0,838	0,928
12	Goiás	0,786	0,727	0,854	0,778
13	Amapá	0,786	0,714	0,845	0,798
14	Amazonas	0,775	0,711	0,764	0,850
15	Mato Grosso	0,767	0,717	0,841	0,742
16	Acre	0,754	0,701	0,709	0,854
17	Sergipe	0,731	0,683	0,751	0,760
18	Pará	0,703	0,709	0,770	0,631
19	Rio Grande do Norte	0,668	0,670	0,731	0,603
20	Bahia	0,655	0,691	0,732	0,541
21	Pernambuco	0,615	0,624	0,750	0,471
22	Ceará	0,590	0,669	0,714	0,388
23	Tocantins	0,587	0,703	0,835	0,223
24	Paraíba	0,557	0,636	0,682	0,354
25	Maranhão	0,547	0,644	0,687	0,311
26	Alagoas	0,538	0,615	0,638	0,363
27	Piauí	0,534	0,657	0,657	0,288
	Brasil	0,830	0,710	0,825	0,954

Fonte: PNUD (1996)

07

3 - POBREZA

Junto com o subdesenvolvimento está também a pobreza. Quanto mais subdesenvolvida for uma economia, maior será o percentual de pobres e miseráveis nela sobrevivendo.



A pobreza é um dos grandes males que afligem a humanidade. Sua existência exclui milhões de pessoas do mercado consumidor, privando-as de adquirir bens de consumo e serviços para sua subsistência, levando-as a condições de vida subumanas. Nesse sentido, a incidência da pobreza, geralmente, está associada à fome e à subnutrição.

Caracterizar uma pessoa ou grupo social como pobre ou indigente é tarefa difícil, porque essa definição não é precisa. Também se deve diferenciar pobreza de empobrecimento: o primeiro termo designa as condições de vida desses indivíduos, o segundo, as condições sociais de reprodução dos indivíduos.

08

Em geral, associa-se pobreza e indigência à baixa remuneração, e esta relaciona-se à capacidade de adquirir bens de consumo.

É necessário levar em conta que a própria definição dos limites e parâmetros para a medição da pobreza está relacionada a fatores extrarrenda. Entre esses estão os hábitos e os costumes de uma região e as mudanças ao longo das gerações. Tendo em vista que essas variáveis não são estáticas, e sim dinâmicas, pode-se inferir que a definição precisa de linhas de pobreza é aparentemente fácil, mas na realidade é subjetiva e de difícil execução.

A dificuldade em definir parâmetros de pobreza pode ser ilustrada no conceito utilizado pelo governo dos Estados Unidos. Para o governo americano, considera-se família pobre aquela cujos rendimentos anuais não ultrapassam a US\$ 17.761. Por estes parâmetros, um pobre nos Estados Unidos poderia ser considerado rico em países mais pobres.

Estes dados mostram-se mais discrepantes quando compararmos o conceito de pobreza utilizado pelo Banco Mundial. Para ele, a pessoa é considerada pobre se conseguir um rendimento médio de US\$ 1,00 por dia ou US\$ 365,00 por ano.



09

4 - DISTRIBUIÇÃO EQUILIBRADA DA RENDA E ESTABILIDADE DOS PREÇOS

Em geral, a literatura econômica demonstra que, para que ocorra distribuição mais equilibrada da renda, um dos pré-requisitos fundamentais é o crescimento econômico. Entretanto, uma das condições básicas para o crescimento econômico é a manutenção da estabilidade dos preços.

A longo prazo, a estabilidade de preços é uma pré-condição para que os investimentos sejam executados. Os investimentos possuem um papel fundamental no crescimento, pois é por meio deles

que as atividades econômicas se expandem, proporcionando um aumento na atividade econômica. Quando uma economia cresce, todas as variáveis sócioeconômicas tendem a melhorar.

Nesse sentido, não há melhora na distribuição da renda sem crescimento. Todavia, o crescimento por si só não garante uma melhora na distribuição da renda.



10

Distribuição equilibrada da renda - O desenvolvimento econômico pressupõe que a distribuição do rendimento seja equilibrada. Isto é, quanto mais bem equilibrada for a distribuição da renda, maior será o desenvolvimento econômico.

Para os formuladores da política econômica, a distribuição de renda engloba dois objetivos complementares diferentes:

- Redução dos desníveis regionais;
- Melhoria da estrutura pessoal de repartição da renda e da riqueza.

Desníveis regionais - O que são os desníveis regionais?

É a existência, em um mesmo país, de regiões muito ricas e outras muito pobres.

Os desníveis regionais podem ser explicados por diversos estudos iniciados, principalmente nos anos 60, por Perroux, Friedman e North, Wilianson, Myrdall etc.

O Ponto Principal da teoria de localização de Perroux baseia-se na implantação de polos de crescimento que privilegiam as regiões mais carentes, pois, segundo este modelo, o progresso se irradiaria deste polo para as regiões mais pobres.

Já no Modelo de Willianson (1968,1977), as desigualdades internas apresentam uma correlação positiva com o crescimento. Quando a economia está em crescimento, ocorre um aumento das disparidades regionais até um ponto em que estes resultados começam a melhorar.

Outras conclusões desse autor foram que:

- Há existência de forte correlação entre o grau de desenvolvimento dos países e o grau de concentração de renda;
- Independentemente do grau de desenvolvimento do país, a magnitude territorial de um país pode influenciar nos desniveis regionais;
- Somente a longo prazo as diferenças regionais são modificadas. Isso demonstra o caráter estrutural dos problemas regionais.

Para Gunnar Myrdall (1968), os motivos do desequilíbrio são as diversidades dos recursos naturais existentes. Na maior parte dos países estudados, o processo de crescimento econômico ocorreu de forma mais intensa, inicialmente nas regiões mais bem dotadas de recursos naturais, para em seguida se verificar nas regiões que possuem dotações de recursos menos expressivas.

Os motivos que levam uma região a se destacar em relação a outras, por meio do nascimento de um polo de desenvolvimento diferenciado, são:

- **Abundância de recursos para a produção de energia;**



- **Ocorrência de uma matéria-prima com alto valor econômico;**



- Localização próxima à zona portuária.



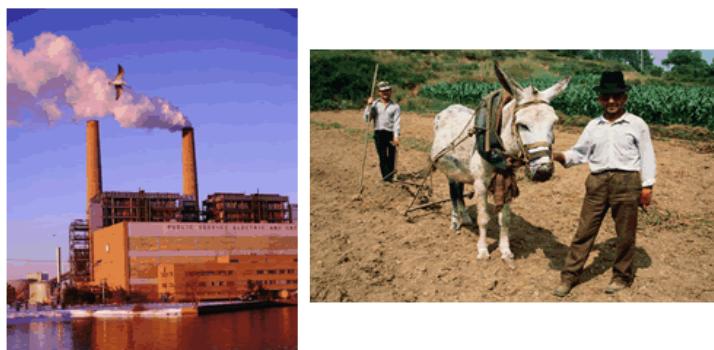
Em dado momento, a dinâmica desse polo passa a exercer um poder de atração sobre os recursos humanos e sobre a disponibilidade de capital de outras regiões menos dinâmicas. As migrações humanas não têm efeito atenuador das desigualdades.

13

Com o tempo, o polo de desenvolvimento tende a absorver todos os capitais das áreas próximas. Como resultado, as condições de infraestrutura tornam-se substancialmente diferentes das regiões circunvizinhas mais atrasadas, apresentando uma nítida diferenciação.

Os estágios de desenvolvimento de cada país e os padrões de crescimento são apontados como determinantes básicos da concentração da renda e da riqueza. Também devem ser considerados os padrões segundo os quais se realiza o processo de acumulação, os direitos à propriedade e à sucessão hereditária, a mobilidade social etc.

Pode-se afirmar que: nas economias em que coexistem dois setores bem distintos, um moderno e dinâmico e outro tradicional, os graus de concentração de renda tendem a ser mais concentrados.



14

5 - ATENUAÇÃO DOS DESNÍVEIS E DAS DESIGUALDADES

Para atenuar desníveis e desigualdades, somente políticas a longo prazo apresentam resultados significativos. Quanto aos desníveis regionais, podemos identificar as seguintes ações do Governo:

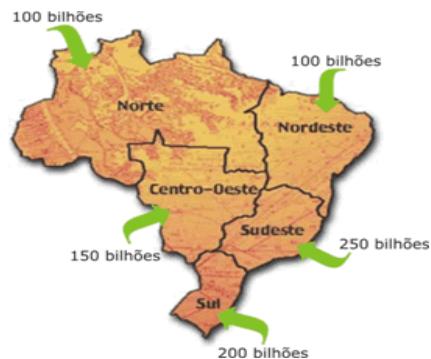
- Políticas de povoamento de áreas pouco habitadas e expansão da fronteira agrícola;



b) Canalização de investimentos em infraestrutura, saúde, educação, saneamento no uso de matérias-primas, principalmente para regiões mais atrasadas;



c) Regionalização dos investimentos;



d) Criação de órgãos oficiais de fomento.



15

Quanto à distribuição da renda e da riqueza, o Estado pode intervir propondo políticas públicas voltadas para:



- a) Melhoria do acesso à educação, saneamento, saúde e toda a infraestrutura social para as populações mais pobres.
- b) Manutenção de uma rede eficiente de proteção social (seguro desemprego, aposentadorias etc.);
- c) Melhor distribuição da propriedade e da riqueza.

16

RESUMO

O subdesenvolvimento é resultado da má utilização dos fatores de produção. A má ou baixa utilização provoca pouca geração de emprego, baixa produtividade em virtude do mau uso dos fatores de produção, salários reduzidos em por causa da baixa produtividade da economia, renda *per capita* baixa, baixos níveis de investimento e poupança interna, poupança interna insuficiente para garantir o crescimento sustentável, altas taxas de desemprego e alta concentração de renda.

O subdesenvolvimento está associado à pobreza e à distribuição da renda. Quanto mais subdesenvolvida for a economia, piores serão os resultados apresentados.